

# A INDÚSTRIA CULTURAL, PSEUDIFORMAÇÃO E A REPRESSÃO DO SUJEITO

DOI 10.5281/zenodo.10406352

Angelo Luiz Ferro<sup>1</sup>  
Monah Winograd<sup>2</sup>

## RESUMO

A Teoria Crítica tem como um dos temas de reflexão as transformações ocorridas na sociedade durante o século XX; procura esclarecer o prisma de variação das formas de dominação e de manipulação da consciência, características da sociedade capitalista. O termo Indústria cultural, criado pelos autores desta teoria, é utilizado, também, para indicar que o sistema de comunicação em massa dá suporte para que os economicamente mais fortes exerçam o poder sobre a sociedade. Deste modo, o objetivo deste artigo foi investigar como a indústria cultural, com seu aparato, favorece a pseudoformação do sujeito, bem como a repressão do mesmo. A base epistemológica utilizada neste estudo foi a Teoria Crítica da Sociedade, principalmente os pensadores Adorno, Horkheimer, Marcuse e Crochík, por seus estudos possibilitarem a compreensão acerca das contradições existentes na sociedade contemporânea. Igualmente, os estudos contribuem para a crítica da cultura frente ao desdobramento da razão e da instrumentalização da consciência. Nesse sentido, o pensamento freudiano, também, se constitui elucidativo. Se por um lado a humanidade alcançou avanços científicos e tecnológicos, em contrapartida, isso acarretou a instrumentalização absoluta na pseudoformação e dificultou a emancipação do sujeito. Nesse sentido, a pseudoformação afeita a essa lógica interfere no processo formativo do sujeito. À medida que o desenvolvimento amplo dos sentidos e a reflexão crítica são desvalorizados, os sujeitos tendem a assimilar as características dos objetos disseminados pela mídia. Assim, tendem a reproduzir o que está posto.

**Palavras-Chave:** Constituição do sujeito; indústria cultural; pseudoformação.

## THE CULTURAL INDUSTRY, PSEUDIFORMATION AND THE REPRESSION OF THE SUBJECT ABSTRACT

Theory Critical has as one of the subjects of reflection the transformation occurred in society during the 20th century; seeks to enlighten the prism of variation and manipulation of consciousness, characteristics of capitalist society. The term cultural industry, created by the authors of this theory, is used, too, to indicate that mass communication system supports for the economically stronger exercise power over society. So, the goal of this article was to investigate how the cultural industry, with its apparatus, favours the subject's pseudoformation as well as repression of the same. The epistemological basis used was the Society's Critical Theory, precisely, authors like Adorno, Horkheimer, Marcuse, and Crochík, due to their studies allow comprehension around the existent contradictions on the contemporaneous society and researches about questions of violence and its implications on people's lives. Also, studies

<sup>1</sup> Graduado em Psicologia. Mestre em Psicologia pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS). Doutorando em Psicologia pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica, na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro -PUC – Rio. Coordenador do Laboratório de Pesquisa em Violência e Subjetividade (LAPEV), vinculado à Uniprudente/Uniesp S.A. Integrante do Laboratório de Pesquisa Avançada em Psicanálise e Subjetividade (LAPSU). E-mail: angelo@fapepeuniesp.com ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6579-7311>

<sup>2</sup> Psicanalista, atualmente é Professora Associada do PPG em Psicologia Clínica do Departamento de Psicologia da PUC-Rio, Vice-decana de Pós-graduação e Pesquisa do CTCH da PUC-Rio., coordenadora do Laboratório de Pesquisa Avançada em Psicanálise e Subjetividade (LAPSU) e do Laboratório de Humanidades Digitais da PUC-RIO. E-mail: monahwinograd@icloud.com ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9388-4014>

ISSN: 2176-5227

contribute to the criticism of culture in the face of the unfolding of reason and the instrumentalization of consciousness. About that, the Freudian thought constitutes itself as elucidative as well. Humankind can be seen as a species that reached scientific and technologic advances, however, this resulted in the absolute instrumentalization in the pseudoformation, and made the emancipation of the individual arduous. If on one hand humanity reached scientific and technological advances, in return, that carved the absolute instrumentalization in the pseudoformation and made the subject's emancipation difficult. In that sense, pseudoformation affects this logic interferes in the subject's formative process. As the broad development of senses and critical reflection are devalued, subjects tend to assimilate the characteristics of the disseminated objects by the media. So they tend to reproduce what's put.

**Key-Words:** Subject's constituicion; cultural Industry; pseudoformation.

## LA INDUSTRIA CULTURAL, LA PSEUDOFORMACIÓN Y LA REPRESIÓN DEL SUJETO RESUMEN

La Teoría Crítica tiene como uno de sus temas de reflexión las transformaciones ocurridas en la sociedad durante el siglo XX; Busca esclarecer el prisma de variación en las formas de dominación y manipulación de la conciencia, características de la sociedad capitalista. El término Industria Cultural, creado por los autores de esta teoría, también se utiliza para indicar que el sistema de comunicación masiva apoya a los económicamente más fuertes para ejercer poder sobre la sociedad. Por tanto, el objetivo de este artículo fue investigar cómo la industria cultural, con su aparato, favorece la pseudoformación del sujeto, así como su represión. La base epistemológica utilizada en este estudio fue la Teoría Crítica de la Sociedad, principalmente los pensadores Adorno, Horkheimer, Marcuse y Crochik, ya que sus estudios permitieron comprender las contradicciones que existen en la sociedad contemporánea. Asimismo, los estudios contribuyen a la crítica de la cultura frente al despliegue de la razón y la instrumentalización de la conciencia. En este sentido, el pensamiento freudiano también es esclarecedor. Si, por un lado, la humanidad ha logrado avances científicos y tecnológicos, por otro, esto ha llevado a una instrumentalización absoluta en la pseudoeducación y ha dificultado la emancipación del sujeto. En este sentido, el pseudoentrenamiento asociado a esta lógica interfiere en el proceso formativo del sujeto. A medida que se devalúa el amplio desarrollo de los sentidos y la reflexión crítica, los sujetos tienden a asimilar las características de los objetos difundidos a través de los medios de comunicación. Por tanto, tienden a reproducir lo que se publica.

Palabras clave: Constitución del sujeto; industria cultural; pseudoformación.  
Teoria Crítica da Sociedade: história de um movimento

## INTRODUÇÃO

“Os homens não são apenas um resultado da história em sua indumentária e apresentação, em sua figura e seu modo de sentir, mas também a maneira como veem e ouvem é inseparável do processo de vida social tal como este se desenvolveu através dos séculos.”  
(Max Horkheimer)

Em 1924, a Escola de Frankfurt foi fundada, com o nome de Instituto de Pesquisa Social, na Alemanha, e seu propósito foi de “realizar uma incorporação

ISSN: 2176-5227

do pensamento de filósofos tradicionais, colocando-os em tensão com o mundo presente” (Matos, 1993, p.13).

Conforme Matos (1993), a Teoria Crítica da Sociedade se orienta, entre seus temas de reflexão, pensar sobre as transformações ocorridas na sociedade durante o século XX, ao procurar esclarecer o prisma de variação das formas de dominação e manipulação na consciência dos sujeitos, características essas analisadas a partir da sociedade do capitalismo tardio. As contribuições dos estudiosos dessa teoria, no que diz respeito ao entendimento da relação sujeito, cultura e sociedade, são explicativos à compreensão das barreiras que mantinham – e ainda mantêm – a sociedade presa ao sistema de dominação por meio de fazer da sociedade administrada e instrumentalizada, de acordo com Adorno e Horkheimer (1944/1985), ou unidimensional, como apresentou Marcuse (1964/1973), ao mostrar que a violência, regula a vida e as relações dos sujeitos.

O objetivo da Teoria crítica da sociedade é a humanidade como produtora histórica de vida, como agentes de transformação da natureza a partir do momento que agem sobre ela e a modifica para atender as necessidades sociais e individuais. Assim, o processo de emancipação do sujeito é uma das necessidades mais urgentes proposta pela teoria, e não a simples ampliação do saber pelo um saber, sem capacidade crítica.

No livro *Dialética do Esclarecimento*, Adorno e Horkheimer (1944/1985) apontam que, ao se aprofundarem em seus estudos, perceberam a necessidade de realizar um diagnóstico do mundo pós-guerra, racional e burocrático; o processo de desencantamento: “o que nos propuséramos era, de fato, nada menos do que descobrir por que a humanidade, em vez de entrar em um estado verdadeiramente humano, está afundando em uma nova espécie de barbárie” (ADORNO; HORKHEIMER, 1944/1985, p. 11).

Dentre as questões relevantes discutidas pelos autores da Teoria Crítica, destaca-se a preocupação com o avanço dos regimes totalitários, principalmente porque, sem o elemento crítico, o pensamento esclarecido tende a destruir o mundo que construiu. Isso quer dizer que não há irracionalidades nos regimes totalitários; antes, existe a presença de um excesso de racionalidade acrítica no pensamento - irracionalidade da racionalidade tecnológica - a qual tem por objetivo a destruição do diferente. Ao discutirem a capacidade destrutiva do

ISSN: 2176-5227

pensamento não esclarecido, Adorno e Horkheimer (1944/1985) afirmaram: “se ele sai voluntariamente de seu elemento crítico como um mero instrumento a serviço da ordem existente, ele tende contra sua própria vontade, a transformar aquilo que escolheu como positivo em algo negativo, destrutivo” (p. 12)

A dificuldade de o sujeito de fazer resistência à violência existente na sociedade e, até mesmo, banalizá-la, ocorre devido ao poder da repressão ideológica existente aliada a lógica da racionalidade tecnológica. A instrumentalização ao alcançar a todos e garantir a sua funcionalidade criou como mecanismo a indústria cultural, constituída, principalmente, pela mídia de massa (cinema, televisão, rádio, músicas, publicidades). Essa indústria determina padrões de comportamentos e de valores, cria necessidades idênticas e estabelece linguagens uniformes com o objetivo de chegar a todos. Por isso, que a indústria cultural dificulta a emancipação do sujeito, não o desperta para a sua criatividade, pelo contrário, transforma o sujeito em ser genérico. “O mundo inteiro é forçado a passar pelo filtro da indústria cultural” (Adorno; Horkheimer, 1944/1985, p. 104), de modo que ela não vincula a ideologias; antes, é a própria ideologia.

Deste modo, o que se repete é conveniente à Indústria cultural. Os supostos acasos – que na verdade, não existem - são imprescindíveis para que os mecanismos da indústria cultural alcancem a todos, sem distinção, assumindo a herança civilizatória. “[...] eis aí um triunfo da publicidade da indústria cultural, a mimese compulsiva dos consumidores, pela qual se identificam às mercadorias culturais que eles, ao mesmo tempo, decifram muito bem.” (Adorno; Horkheimer, 1944/1985, p. 138).

Pensar o psiquismo do ser humano dominado torna-se necessário, remete às contribuições de Marcuse (1955/1975) sobre como a sociedade instrumental avançada habilitou o sujeito a inverter o rumo do progresso ao torná-lo aprisionado pelos instrumentos por ele desenvolvido. As contradições ocorridas na sociedade resultaram em que “as próprias forças que tornaram a sociedade capaz de amenizar a luta pela existência serviram para reprimir nos indivíduos a necessidade de tal libertação” (MARCUSE, 1955/1975, p. 13). Com isso, o poder do progresso tecnológico sufoca as potencialidades libertadoras do sujeito, com o objetivo de perpetuar um estado de necessidade dificultando a possibilidade oposição do mesmo, e devido à sociedade ter se tornado

ISSN: 2176-5227

unidimensional, sem oposições, por paralisar a crítica devido ao controle total. Assim, até mesmo a filosofia pode se tornar unidimensional, e se tornar a filosofia da racionalidade tecnológica, proclamando a lógica do domínio através da negação do pensamento crítico, conforme Marcuse (1964/1973). O capitalismo, ao impor as condições materiais para o sujeito, também, determina a constituição de sua subjetividade.

De acordo com Marcuse (1964/1973), a sociedade unidimensional não concebe em seu meio as forças necessárias para superá-la, uma vez que prejudica o pensamento crítico, limitando a possibilidade de mudanças. Destarte, a sociedade unidimensional tecnológica avança, e ao criar o ambiente totalitário ilude o sujeito como se ele fosse livre. As instituições sociais, tais como as fábricas, as escolas, as igrejas e os Estados, mantêm o poder e reiteram a lógica irracional da sociedade administrada e dificulta ao sujeito pensar que a sociedade pode ser diferente do que está posto. Por outro lado, leva as pessoas a se tornarem frias e indiferentes aos acontecimentos da sociedade.

A aceitação da sociedade administrada e controlada revela que a instrumentalização da razão acabou por ser utilizada como meio para a dominação existente na sociedade. Marcuse (1964/1973) diz ser preciso criar espaços de resistência nas instituições sociais para entender e questionar o que está posto.

Frente ao processo de produção e de consumo a pergunta a ser feita é como se dá a constituição do sujeito? Pois, a industrialização vai influenciar diretamente na produção de produtos de consumo e na produção de cultura, que na Indústria cultural, se converte em objeto de consumo. O termo Indústria cultural<sup>3</sup> foi utilizado por Theodor W. Adorno e Max Horkheimer (1944/1985) no livro *Dialética do Esclarecimento*, e é uma importante contribuição para entendermos e analisarmos o capitalismo contemporâneo e seus engendramentos na cultura de produção e consumo, seja ela de bens materiais ou de produção e consumo cultural (filmes, músicas e entretenimento) e conseqüentemente no processo de formação do sujeito.

---

<sup>3</sup> Optou-se por escrever Indústria cultural com inicial maiúscula, por se tratar de um conceito analisado pela Teoria Crítica da Sociedade e ser fundamental neste trabalho.

ISSN: 2176-5227

Adorno e Horkheimer (1944/1985, p. 100) observam que “sob o poder do monopólio, toda a cultura de massas é idêntica, e seu esqueleto, a ossatura conceitual fabricada por aquele, começa a se delinear”; os produtos são iguais, e a mídia auxilia na criação de necessidades diferentes, cujo fim último é o lucro.

## PSEUDIFORMAÇÃO E REPRESSÃO DO SUJEITO

“O homem é tão bem manipulado e ideologizado que até mesmo o seu lazer se torna uma extensão do trabalho.”  
(Theodor W. Adorno)

Nas palavras de Adorno e Horkheimer (1944/1985), “a racionalidade técnica hoje é a racionalidade da própria dominação. Ela o caráter compulsivo da sociedade alienada de si mesma” (p. 100) e tem levado à impotência social do sujeito. Numa sociedade em que vigora essa racionalidade, os sujeitos deixam de ser produtores da cultura; e passam a ser mediados pela estrutura social, mas não confundidos com ela. A divisão do trabalho torna-se cada vez mais racionalizada, o que diminui a diferenciação das esferas sociais, retirando a possibilidade de o particular diferenciar-se. Para Crochík (2003), ao invés do progresso possibilitar uma vida mais confortável e segura, tem contribuído para a imobilização social e a infelicidade humana.

De outro lado, a racionalidade também é irracional, uma vez que não procede dos verdadeiros interesses humanos, mas dos interesses do capital. Dessa forma, há algo de racional na irracionalidade dos desejos, presente na acusação que ela implica, e há algo irracional na racionalidade social, pelo desconhecimento dos desejos humanos. Na sociedade administrada, a contradição social, se ainda é expressada pela luta de classes, apresenta-se também ao obstar aquilo que já seria possível: a autonomia de decisão individual, a espontaneidade, que associa ao novo, uma vida sem ansiedade, uma vida sem obrigatoriedade de tanto trabalho. (CROCHÍK, 2003, p. 16).

Se por um lado a instrumentalização da razão trouxe avanços científicos e tecnológicos para a humanidade, em contrapartida, dificultou a emancipação e levou a conformação do sujeito ao que está posto. Assim, “a sociedade irracional fixa os sujeitos em um estágio infantil de desenvolvimento, no qual o prazer se associa com a crueldade e não com o amor” (Crochík, 2003, p. 16). A violência, portanto, configura-se como algo presente diuturnamente nas relações

ISSN: 2176-5227

dos sujeitos numa sociedade irracional, que cria mecanismos para justificar as mais diversas formas de violência contra os sujeitos. E, estes, passam a aceitar tudo o que lhes é imposto, sem resistência. Explica Crochík (2003):

O indivíduo não se volta mais para a cultura, essa se volta contra ele, permitindo que, pela realização de seus desejos não diferenciados, se identifique com ela. A regressão do indivíduo é decorrência da não diferenciação social possibilitada pelo processo de racionalização social, que torna todas as esferas sociais semelhantes quanto à sua racionalidade: a reversibilidade e a correspondência lógica – a reciprocidade – não são mais princípios exclusivos da lógica formal, mas também das relações individuais e das relações sociais. (p. 19 - 20).

Nesse sentido, a lógica prevalecente na sociedade e as contradições que ela traz dificultam ou impedem a realização do sujeito. Isso porque a cultura, através da ideologia, contribui para a manutenção da sociedade injusta. As maravilhas do progresso científico, através do qual seria possível de suprimir a fome e as carências sociais dos sujeitos, tem levado ao empobrecimento dos mesmos nas questões materiais e objetivas:

Nunca a pobreza dos homens se viu num contraste mais gritante com a sua possível riqueza como nos dias de hoje, nunca todas as forças estiveram mais cruelmente algemadas como nestas gerações onde as crianças passam fome e as mãos dos pais fabricam bombas. [...] Percebemos os homens não como sujeitos de seus destinos, mas como objetos dos acasos cegos da natureza. (HORKHEIMER, 1990, p. 77).

Crochík (2011) ao discutir sobre o poder sem limites sobre os sujeitos faz a seguinte observação:

Os indivíduos, sem atributos individuais, confundem-se com as massas, ao que cabe acrescentar que do período fascista até os nossos dias foram criados novos instrumentos de comunicação de massas e aperfeiçoados os já existentes, para que essas massas não precisem somente da multidão de homens solitários e frios para se constituir: o rádio, a televisão, a internet, o celular, evidenciam que o “amor ao próximo” foi substituído pelo “amor à distância”. (p. 18. Grifos do autor).

Os instrumentos de comunicação, tais como a televisão, a internet, o celular, dentre outros, contribuem, pela forma como têm sido utilizados, para dificultar a diferenciação dos sujeitos, ao homogeneizar as categorias do

ISSN: 2176-5227

particular e do universal. As necessidades instituídas pelas mídias estabelecem valores, determinam comportamentos e, inclusive, criam diferentes linguagens, pois a indústria cultural precisa alcançar a todos os sujeitos, sem distinção. E, assim, formá-los sem capacidade de pensar criticamente. A racionalidade da técnica, como já dito, confirma a racionalidade da dominação, em que passa, pelo filtro da indústria cultural, o mundo inteiro, o qual até mesmo o sujeito mais distraído vai consumir os produtos por ela promulgados.

Assim, faz com que a subjetividade não se desenvolva mais a partir da interiorização da cultura como outrora, como observa Crochík (2011) “a existência de um eu presente em cada reflexão que permite a continuidade; e, portanto, a história individual que deve se adaptar a cada nova situação, abandonando o que sabia anteriormente” (p. 18).

As condições objetivas de desenvolvimento da subjetividade dos sujeitos se tornam cada vez mais reduzidas, limitando as experiências constitutivas de sua formação à mera comercialização, às coletivizações e à cultura de massa. Como esclarecem Adorno e Horkheimer (1944/1985):

A indústria cultural realizou maldosamente o homem como ser genérico. Cada um é tão somente aquilo mediante o que pode substituir todos os outros: ele é fungível, um mero exemplar. Ele próprio, enquanto indivíduo, é absolutamente substituível, o puro nada, e é isso mesmo que ele vem a perceber quando perde com o tempo a semelhança. (p.120).

Assim, o sujeito não se diferencia; antes, configura-se como ser genérico, e a indústria cultural só se interessa por ele pela ânsia de fazer dele consumidor ou empregado. Adorno e Horkheimer (1944/1985) observam que, ao empreenderem uma junção “entre indústria e cultura, evidenciam que a violência da ideologia industrial se instalou nos indivíduos; a imaginação foi liquidada, havendo predomínio do detalhe técnico e da performance” (p. 424). A partir do aparato da indústria cultural, a possibilidade de formar sujeitos singulares e emancipados são obstadas. Para Adorno (1986), quanto menos humanizado o sujeito se faz, mais efetivo se torna o aparato técnico dessa indústria.

Na indústria cultural, o indivíduo é ilusório, não apenas por causa da padronização do modo de produção. [...] O individual reduz-se à capacidade do universal de marcar tão integralmente o contingente que ele possa ser conservado como o mesmo. [...] A pseudoindividualidade



é um pressuposto para compreender e tirar da tragédia sua virulência: é só porque os indivíduos não são mais indivíduos, mas sim meras encruzilhadas das tendências do universal, que é possível reintegrá-los totalmente na universalidade. A cultura de massas revela assim o caráter fictício que a forma do indivíduo sempre exibiu na era da burguesia, e seu único erro é vangloriar-se por essa duvidosa harmonia do universal e do particular. O princípio da individualidade estava cheio de contradições desde o início. Por um lado, a individuação jamais chegou a se realizar de fato. [...] Ao mesmo tempo, a sociedade burguesa também desenvolveu, em seu processo, o indivíduo. (ADORNO; HORKHEIMER, 1944/1985, p. 128).

Os mecanismos da Indústria cultural priorizam a forma em detrimento do conteúdo. O sujeito, ao invés de se diferenciar e se particularizar através das identificações estabelecidas, confunde-se com elas. A necessidade, de diferenciação, cede lugar à universalização para que a profecia proposta por essa indústria seja cumprida. Diz Adorno (1986):

O efeito de conjunto da indústria cultural é o de uma antidesmistificação, a de um anti-iluminismo (*anti-Aufklärung*); nela, como Horkheimer e eu dissemos, a desmistificação, a *Aufklärung*, a saber, a dominação técnica progressiva, se transforma em engodo das massas, isto é, em meio de tolher a sua consciência. Ela impede a formação de indivíduos autônomos, independentes, capazes de julgar e de decidir conscientemente. (p. 99. Grifos do autor).

O empreendimento da Indústria cultural em manipular a consciência, restringe o homem ao estado de pseudo-sujeito. Para Maar (2003) “as ‘massas’ são semiformadas afirmativamente para confirmar a reprodução continuada do vigente como cópia pela indústria cultural” (p. 461, destaque do autor). Assim, a pseudoformação tem relação muito próxima à razão instrumental, segundo os termos de Horkheimer (1975), e à função social da tecnologia, de acordo com Marcuse (1998).

No que diz respeito à pseudoformação:

A cultura converteu-se totalmente numa mercadoria. O pensamento perde o fôlego e limita-se à apreensão do fatural isolado. [...] o pensamento reduzido ao saber é neutralizado e mobilizado para a simples qualificação nos mercados de trabalho específicos e para aumentar o valor mercantil das pessoas. Assim naufraga a autorreflexão do espírito que se opõe à paranoia. Finalmente, sob as condições do capitalismo tardio, a semicultura converteu-se no espírito objetivo. (ADORNO; HORKHEIMER, 1944/1985, p. 162 -163).

ISSN: 2176-5227

Como consequência, a formação cultural dos sujeitos fica banalizada e reduzida a uma pseudoformação socializada e tudo fica aprisionado nas malhas da socialização, de acordo com Adorno:

Nada fica intocado na natureza, mas sua rusticidade – a velha ficção – preserva a vida e se reproduz de maneira ampliada. Símbolo de uma consciência que renunciou à autodeterminação, prende-se, de maneira obstinada, a elementos culturais aprovados. Sob seu malefício gravitam como algo decomposto que se orienta à barbárie. (ADORNO, 1996, p. 389).

A cultura ao ser concebida como algo que deveria ser conformado à vida real, algo adaptativo, faz com que os sujeitos sejam impedidos de se educarem uns aos outros e a formação se cristaliza em categorias pré-determinadas, e entra em desacordo com seu fim último: a emancipação do sujeitos, impedida pela sociedade massificada, conforme Maar (2003).

A formação caracterizada pela sociedade de massas reproduz um mundo em que a condição dos sujeitos é de assujeitados, diz Maar (2003). Pois, os sujeitos reproduzem sua sujeição no tempo, como pseudoformação. Com isso, a cultura deixa de ser entendida como ideal emancipatório, ao ter como finalidade a legitimação da sociedade vigente, ao pseudoformar os sujeitos.

Escreve Adorno (1996):

O semiculto (semiformado) dedica-se à conservação de si mesmo sem um si mesmo. Não pode permitir, então, aquilo em que, segundo toda teoria burguesa, se constituía a subjetividade: a experiência e o conceito. Assim, procura subjetivamente a possibilidade da formação cultural, ao mesmo tempo em que, objetivamente, se coloca todo contra ela. A experiência – a continuidade da consciência em que perdura o ainda não existente em que o exercício e a associação fundamentam uma tradição no indivíduo – fica substituída por um estado informativo pontual, desconectado, intercambiável e efêmero, e que se sabe que ficará borrado no próximo instante por outras informações. [...] A semiformação é uma fraqueza em relação ao tempo, a memória, única mediação que realiza na consciência aquela síntese da experiência que caracterizou a formação cultural em outros tempos. [...] O conceito fica substituído pela subsunção imperativa a quaisquer clichês já prontos, subtraídos a correção dialética, que descobre seu destrutivo poder nos sistemas totalitários. [...] Sob a superfície do conformismo vigente, é inconfundível o potencial destrutivo da semiformação cultural. Ao mesmo tempo em que se apossa fetichisticamente dos bens culturais, está sempre na iminência de destruí-los. (p. 405-406).

ISSN: 2176-5227

Para Adorno (1996), “[...] a única possibilidade de sobrevivência que resta à cultura é a autorreflexão crítica sobre a pseudoformação, em que necessariamente se converteu” (p. 410). Desse modo, o desenvolvimento do elemento emancipatório e da consciência crítica dos sujeitos deve ser pensado a partir da análise do porquê de esses elementos terem sido atrofiados. Nesse sentido, deve-se levar em consideração o peso da sociedade administrada, o domínio da razão instrumental, que conduz a sociedade ao estado de atomização. Horkheimer (1946/2015) diz que “a emancipação do sujeito não é uma emancipação da sociedade, mas a libertação da sociedade da atomização, uma atomização que pode alcançar seu pico em períodos de coletivização e cultura de massa” (p. 150 - 151).

Dessa forma, o progresso tecnológico, cujo objetivo deveria ser o de trazer paz à humanidade e emancipar o sujeito, na verdade o sufocou no conformismo, na imobilização social e na infelicidade. E, o progresso, de acordo com os estudos de Marcuse (1955/1975) sobre a obra de Freud, foi pago com a perda da felicidade, uma vez que o sentimento de culpa se tornou parte essencial do desenvolvimento da civilização.

### **A REPRESSÃO DO SUJEITO EM FREUD E MARCUSE**

O pensamento de Freud permeia algumas obras de Marcuse, a saber, *A Obsolescência da psicanálise* (1963/1998) e *Eros e Civilização* (1955/1975), o qual discute - dentre inúmeras coisas – como a sociedade utiliza-se da repressão para controlar os sujeitos, deste modo, a pergunta que permeia todo o texto é a possibilidade de uma civilização não-repressiva.

Crochík (1992) explica que Marcuse buscou uma interpretação filosófica do pensamento freudiano, a qual lhe possibilitou perceber que o “indivíduo [...] [passou] a ser cada vez mais heterodeterminado, [o que desfez] [...], um dos ideais do liberalismo: a autonomia individual” (p. 437). Do pensamento freudiano, o pensador frankfurtiano extraiu, a ênfase dada por Freud à relação entre a cultura e a formação do sujeito, ao explicar o *princípio do prazer* e o *princípio da realidade*, por considerar os seres humanos regidos somente pelo princípio do prazer, e se fossem livres para seguir suas pulsões, destruiriam ao mundo e a si mesmos. Diz Marcuse (1955/1975):

[...] os instintos básicos do homem seriam incompatíveis com toda a associação e preservação duradoura: destruiriam até aquilo a que se unem ou em que se conjugam. O Eros incontrolado é tão funesto quanto sua réplica fatal, o instinto de morte. Sua força destrutiva deriva do fato deles lutarem por uma gratificação [com] que a cultura não pode consentir: a gratificação como tal e como um fim em si mesma, a qualquer momento. Portanto, os instintos têm de ser desviados de seus objetivos, inibidos em seus anseios. A civilização começa quando o objetivo primário – isto é, a satisfação integral de necessidades – é abandonado. (p. 33).

O mal estar da humanidade repousa no fato de que nem todos os seus desejos e anseios mais profundos podem ser realizados na vida social porque são, por vezes, antissociais. Aquilo a que nosso inconsciente nos impulsiona desde o início de nossas vidas, se for realizado, resultará no fim da sociedade. Marcuse (1955/1975) formulou a explicação em uma tabela (Tabela 1), para constar a passagem do *princípio do prazer* para o *princípio de realidade*:

<b>DE</b>	<b>PARA</b>
Satisfação imediata	Satisfação adiada
Prazer	Restrição do prazer
Júbilo (atividade lúdica)	Esforço (trabalho)
Receptividade	Produtividade
Ausência de repressão	Segurança

FONTE: Marcuse, 1955/1975, p. 34.

O princípio de realidade supera o princípio do prazer, e é esse princípio de realidade que organiza o eu, desenvolvendo a função da razão ao sujeito, o qual, se fosse regido somente pelo princípio do prazer, agiria como um animal.

Marcuse (1955/1975) elucida que, no mito da ordem primeva, explicado anteriormente, os filhos, regidos pelo princípio do prazer, satisfizeram suas pulsões agressivas por meio do assassinato de seu pai. O amor que outrora sentiam por esse pai, porém, causou-lhes remorso, o qual, através da identificação que tinham com o pai, criaram o superego – *princípio da realidade* –, o qual tem como função impedir que a barbárie (o assassinato e o posterior canibalismo) se repita.

ISSN: 2176-5227

Crochík (1992) explica que Marcuse se ateuve a um importante conceito da psicanálise freudiana, o da repressão. A passagem do *princípio de prazer* para o *princípio da realidade* levou à sublimação, do qual houve possibilidade de criação da cultura, uma vez que esta é obra da modificação humana. Conforme Freud (1933/1996), os instintos humanos se dividem em dois:

Aqueles que tendem a preservar e a unir – que denominamos “eróticos”, exatamente no mesmo sentido em que Platão usa a palavra “Eros” em seu *Symposium*, ou sexuais, com uma deliberada ampliação da concepção popular de “sexualidade” –; e aqueles que tendem a destruir e matar, os quais agrupamos como instinto agressivo ou destrutivo. (p. 214 e 215. Grifos do autor).

Ao discutir a obra freudiana, Marcuse (1955/1975) fez críticas a algumas terminologias consideradas coisificadas, por abordarem os processos históricos como naturais (biológicos). Assim, apresentou dois termos novos que considerou mais apropriados à compreensão dos processos humanos, que são, na realidade, históricos:

- a) Mais-Repressão: as restrições requeridas pela dominação social. Distingue-se da repressão (básica): as “modificações” dos instintos necessários à perpetuação da raça humana em civilização.
- b) Princípio de Desempenho: a forma histórica predominante do princípio da realidade. (p. 51. Grifo do autor).

Desse modo, a repressão da agressividade dos sujeitos ocorre para impedir que se destruam mutuamente.

A repressão, que no liberalismo se dava principalmente sobre as pulsões, pois a sociedade não conseguia, ainda, administrar satisfatoriamente a consciência, se volta para esta e, assim, os tabus sexuais podem ser parcialmente relaxados. Mas, este relaxamento, implica a dissociação entre Eros, promotor da cultura, e a sexualidade, ou melhor, Eros se converte em sexualidade e esta fica subjugada ao Princípio de Desempenho. Eros se enfraquece pois, se os obstáculos ao desejo humano intensificam-no, a sua mera gratificação enfraquece-o [...]. [...] numa cultura associada ao Princípio de Realidade não-repressivo, os desejos são criados internamente, voltando[-se] não só para o prazer sexual, mas para a cultura sob forma de autossublimação. (Crochík, 1992, p. 441).

O impulso agressivo, de geração para geração, revive, dirigido contra o pai e seus sucessores, e a agressão tem de ser inibida novamente. “Somente um Eros forte pode efetivamente ‘sujeitar’ os instintos destrutivos. E isso é,

ISSN: 2176-5227

precisamente, o que a civilização desenvolvida é incapaz de fazer” (Marcuse, 1955/1975, p. 85). O processo cultural debilita Eros para atender aos interesses do processo produtivo.

A cultura exige sublimação contínua; por conseguinte, debilita Eros, o construtor de cultura. E a dessexualização, ao enfraquecer Eros, liberta os impulsos destrutivos. Assim, a civilização é ameaçada por uma difusão instintiva, em que o instinto de morte luta por ganhar ascendência sobre o instinto de vida. Originada na renúncia e desenvolvendo-se sob a progressiva renúncia, a civilização tenta para a autodestruição. (Marcuse, 1955/1975, p. 87).

O processo histórico da sociedade se consolidou a partir da repressão, da canalização e da sublimação das pulsões, dentre as quais se encontra a agressividade humana. Deste modo, a sociedade se organizou e se mantém unida pela força repressiva da violência individual e pelos vínculos emocionais estabelecidos entre seus membros. E, o processo civilizatório, como uma de suas finalidades a dominação do desejo individual de agressão.

Para Freud (1930/1996):

Só podemos ficar satisfeitos, portanto, afirmando que o processo civilizatório constitui uma modificação, que o processo vital experimenta sob a influência de uma tarefa que lhe é atribuída por Eros e incentivada por Ananké – pelas exigências da realidade –, e que essa tarefa é a de unir indivíduos isolados numa comunidade ligada por vínculos libidinais. (p. 145).

No decorrer do processo civilizatório, a vida se constituiu como a fusão entre Eros e Ananké, e essa fusão tem por finalidade unir sujeitos para que se desenvolvam, inclusive, no processo educativo. Contudo, com o enfraquecimento do Eros, há a libertação dos impulsos destrutivos e agressivos do sujeito. Marcuse (1955/1975), no entanto, faz uma ponderação, posteriormente, sobre essas questões e afirma:

Em primeiro lugar, nem todo trabalho envolve dessexualização, nem todo trabalho é desagradável, é renúncia. Segundo, as inibições impostas pela cultura também afetam – e, talvez, afetam mesmo principalmente – os derivativos do instinto de morte: os impulsos de agressividade e destruição. A este respeito, pelo menos, a inibição cultural contribuiria para a força de Eros. Além disso, o próprio trabalho na civilização é, em grande medida, uma utilização social dos impulsos agressivos e é, portanto, trabalho a serviço de Eros. (p. 87).

ISSN: 2176-5227

Após o domínio do pai primevo, acontece o domínio dos filhos que se revoltaram contra o pai, o que leva ao surgimento do clã que se une com um objetivo comum, dando origem ao domínio social e político institucionalizado, e, com isso, o *princípio do prazer* se materializa nas instituições, nos termos de Marcuse (1955/1975).

Os sujeitos que se desenvolvem regidos pelos sistemas das instituições estabelecidas, aprendem as exigências impostas pelo *princípio de realidade* são as da ordem e da lei, e, portanto, devem ser transmitidas às gerações.

Desde o pai primordial, através do clã fraterno, até o sistema de autoridade institucionalizada que é característico da civilização madura, a dominação torna-se cada vez mais impessoal, objetiva, universal, e também cada vez mais racional, eficaz e produtiva [...]. [...] a lei e a ordem identificam-se com a própria vida da sociedade. (Marcuse, 1955/1975, p. 91).

Os sujeitos e seus instintos também são controlados a partir da utilização social das capacidades de trabalho que desenvolvem. Desse modo, a racionalidade tem como fim a dominação dos sujeitos a fim de uniformizá-los, na tentativa de perpetuar, a partir das instituições sociais, a reprodução da própria repressão e da opressão presentes na sociedade, de acordo com Marcuse (1955/1975).

A categorização dos sujeitos como instrumentos de trabalho, por conseguinte, tem o intuito de adaptá-los e acomodá-los, dificultando sua constituição e as possibilidades de se rebelarem contra o sistema. Por conseguinte, a culpa de rebelião fica intensificada.

A racionalização do sentimento de culpa foi completada. O pai, limitado na família e na sua autoridade biológica individual, ressurgiu, muito mais poderoso, na administração que preserva a vida da sociedade e nas leis que salvaguardam a administração. (MARCUSE, 1955/1975, p. 93).

As leis que objetivam organizar a sociedade para garantir a vida dos sujeitos, e a defesa dos direitos exigem o cumprimento de deveres. As leis, no entanto, reforçam o modo de administração da sociedade imposto pela ideologia existente.

ISSN: 2176-5227

Mas quanto mais perto se encontra a possibilidade real de emancipar o indivíduo das restrições de outrora, justificadas pela escassez e imaturidade, tanto maior é a necessidade de manutenção e dinamização dessas restrições, para que a ordem estabelecida de dominação não se dissolva. (Marcuse, 1955/1975, p. 94).

O argumento do progresso tem sido utilizado para aprisionar os sujeitos à irracionalidade da racionalidade tecnológica ao fazer da produtividade um instrumento de controle universal, que se reverte contra os sujeitos.

Com o declínio da consciência, com o controle da informação, com a absorção do indivíduo na comunicação em massa, o conhecimento é administrado e condicionado. O indivíduo não sabe realmente o que se passa; a máquina esmagadora de educação e entretenimento une-o a todos os outros indivíduos, num estado de anestesia do qual todas as ideais nocivas tendem a ser excluídas. (Marcuse, 1955/1975, p. 102).

Na sociedade em que vigore a ideologia da racionalidade tecnológica, a cultura se torna irracional, e dificulta a não diferenciação do sujeito, como já observado. E, nos termos de Marcuse (1964/1973), a sociedade se torna unidimensional, pois ocorre o alto investimento social na domesticação das pulsões, no controle de si e do outro, e impossibilita aos sujeitos alcançarem a felicidade e a liberdade. Quando ocorre a negação das pulsões por parte do sujeito, ela pode voltar-se contra ele em forma de violência. Pedrossian (2008), observa que, na atualidade, apesar da existência de leis que regulam os comportamentos e interações sociais, existe a prevalência de comportamentos e pulsões violentas, “não só a física, mas também a psíquica – e a criação de laços afetivos vai se tornando difícil de ser realizada, o que compromete a maneira como a sociedade vem se organizando” (p. 425).

Ao escrever sobre o sujeito contemporâneo, Horkheimer (1947/2015) argumenta:

O indivíduo contemporâneo pode ter mais oportunidades do que seus ancestrais, mas suas perspectivas concretas têm um prazo cada vez mais curto. O futuro não entra tão precisamente em suas transações. Ele simplesmente sente que não estará completamente perdido se preservar sua qualificação e o vínculo com sua corporação, associação ou sindicato. Assim, o sujeito individual da razão tende a tornar-se um ego atrofiado, cativo de um presente evanescente, esquecendo o uso das funções intelectuais pelas quais outrora foi capaz de transcender sua efetiva posição de realidade. Essas funções foram agora assumidas pelas grandes forças econômicas e sociais desta época. O futuro do indivíduo depende cada vez menos de sua própria prudência,



e cada vez mais das lutas nacionais e internacionais entre os colossos do poder. (p. 156).

Assim, “a sociedade, que estimulou o desenvolvimento do sujeito, desenvolve-se agora, ela própria, afastando de si o sujeito, a quem destronou” (HORKHEIMER; ADORNO, 1956/1973, p. 55). O descontrole e a agressividade, tão presentes na sociedade contemporânea e em suas instituições seria uma tentativa dos sujeitos de regredirem à antropofagia primeva?

### **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

De acordo com os pressupostos de Marcuse (1955/1975), é preciso que se vá contra a realização desmedida do princípio do prazer, ou a repressão absoluta da mesma. A sociedade atual reprimiu tanto a realização do princípio do prazer que fez com que os sujeitos fossem dificultados a dar vazão às suas pulsões e, essa situação, contribui para obstar a felicidade. A administração presente na sociedade leva o sujeito a obter falsas liberdades e felicidades. Assim, uma das contribuições da teoria freudiana foi por ter escancarado o abismo entre o que se compreende por liberdade e pseudoliberdade, felicidade e pseudofelicidade.

Para Marcuse (1963/1998) o protótipo de sujeito freudiano só poderia existir em uma sociedade liberal, isso porque manteve elementos que justificavam as relações sociais, a saber: a naturalização do sujeito e a relegação à natureza a processos que são desenvolvidos pela sociedade e pela cultura. No entanto, destaca em sua crítica à Freud que o modelo utilizado para o desenvolvimento da psicanálise foi a compreensão da sociedade burguesa vienense como elemento de verdade, porém, naquele instante representava mais o passado que o futuro, além de postular que “o destino de alguns princípios fundamentais da teoria freudiana e ao seu desenvolvimento, tanto ortodoxo quanto revisionista” (MARCUSE, 1963/1998, p. 91).

A ideologia presente nessa indústria molda o sujeitos, conforme a necessidade do sistema capitalista, pela via da cultura, ao controlar os consumidores a partir da diversão. Assim, o lazer fica permeado pelo produto produzido e destinado a esse fim, e divulgado nas propagandas publicitárias, tornando-se objeto de “desejo” a ser consumido.

ISSN: 2176-5227

Segundo Masson (2010), a Indústria cultural, portanto, auxilia na produção do “desejo” dos sujeitos, e colabora para despertar “desejos” e oferecer soluções para realização dos mesmos a partir dos seus produtos; “desejos” orientados por falsas necessidades impostas pelas propagandas publicitárias. O aparato midiático influencia objetivamente na constituição do “desejo”.

Vale a pena reforçar que a importância de Freud em compreender as contradições sociais presentes na constituição do sujeitos se ocorre pela denúncia das mazelas da sociedade da época e que as contradições presentes no pensamento e na teoria de Freud não invalidam sua teoria, de modo que se tornam elementos de crítica à sociedade. “As descobertas da psicanálise contribuem essencialmente para esclarecer a assustadora despreocupação com que os homens se submetem às exigências da administração total, incluindo a preparação total para um fim trágico” (MARCUSE, 1963/1998, p. 98).

Nesse sentido, a pseudoformação afeita a essa lógica interfere no processo formativo do sujeito. À medida que o desenvolvimento amplo dos sentidos e a reflexão crítica são desvalorizados, os sujeitos tendem a assimilar as características dos objetos disseminados pela mídia. Assim, inclinam-se a reproduzir o que está posto. A indústria de bens e de produtos forma uma trama que manipula consciências, exerce controle do aparelho social e mantém todos sob dependência, dando-lhes a ilusão de autonomia e de livre escolha. Todas as classes sociais são alcançadas pelos mecanismos da Indústria cultural. Há possibilidade de consumo para todos, por mais que não sejam os mesmos objetos a serem consumidos, além de uma produção destinada para cada possibilidade econômica do sujeito.

Nos termos de Adorno e Horkheimer (1944/1985), a Indústria cultural não tem o papel de sublimar, mas sim, atua reprimindo o sujeito a partir da falsa crença de sublimação. Reprime porque até mesmo em situações que o sujeito estaria se divertindo, as atividades dificilmente permitem o desenvolvimento do sujeito crítico, pensante. O sujeito é enquadrado como um ser genérico, não precisa pensar, não analisa criticamente o que está posto.

## REFERÊNCIAS

- ADORNO, T.W.; HORKHEIMER, M. **Dialética do esclarecimento**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1944/1985.
- ADORNO, T.W. A Indústria Cultural. *In*: COHN, G. (Org.). **Sociologia**. São Paulo: Editora Ática, 1986.
- ADORNO, T.W. Teoria da Semicultura. *In*: OLIVEIRA, N. R.; PUCCI, B., MOURA, C. B. (Trad.). **Educação & Sociedade: Revista quadrienal de ciência da educação**. Campinas: Ed. Papyrus, ano XVII, n. 56, dez. 1996.
- CROCHÍK, J. L. Marcuse: *a opressão sob a forma de liberdade*. **Anais**. Ribeirão Preto: Sociedade de Psicologia de Ribeirão Preto, 1992.
- CROCHÍK, J. L. O desencanto sedutor: *a ideologia da racionalidade tecnológica*. **Inter-Ação**: Faculdade de Educação, Goiania: UFG, v. 28, n. 1, p. 15-35, jan./jun. 2003.
- CROCHÍK, J. L. A forma sem conteúdo e o sujeito sem subjetividade. *In*: CROCHÍK, J. L. **Teoria Crítica da Sociedade e Psicologia**: alguns ensaios. Araraquara: Junqueira & Marin, 2011. P. 11 - 34.
- FREUD, S. O mal-estar na civilização. *In*: FREUD, S. **Edição Standart Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1930[1929]/1996. P. 67 - 151. V. XXI.
- FREUD, S. Por que a guerra? *In*: FREUD, S. **Edição Standart Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1933[1932]/1996. P. 203 - 220. V. XXII.
- HORKHEIMER, M. Filosofia e Teoria Crítica. *In*: HORKHEIMER, M. **Textos Escolhidos**. Coleção Os Pensadores, v. XLVIII. São Paulo: Abril Cultura, 1937/1975. P. 163 – 169.
- HORKHEIMER, M. **Eclipse da Razão**. São Paulo: Editora Unesp, 1946/2015.
- HORKHEIMER, M.; ADORNO, T. W. **Temas básicos da sociologia**. São Paulo: Cultrix, 1956/1978.
- HORKHEIMER, M. Autoridade e família. *In*: HORKHEIMER, M. **Teoria crítica: uma documentação**. São Paulo: Perspectiva – Editora da Universidade de São Paulo, 1990.
- MAAR, W. L. Adorno, semiformação e educação. **Educação e Sociedade**, Campinas, v. 24, n. 83, p. 459-475, ago. 2003. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_abstract&pid=S0101-73302003000200008&lng=en&nrm=iso&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S0101-73302003000200008&lng=en&nrm=iso&tlng=pt)>. Acesso em: 31 mar. 2020.
- MASSON, I. O. A. Tempos Modernos: Indústria Cultural e a primazia do presente. *In*: RESENDE, A. C. A & CHAVES, J. C. **Psicologia Social: Crítica Socialmente Orientada**. Goiânia: Ed. Da PUC Goiás, 2010.

ISSN: 2176-5227

MARCUSE, H. **Eros e Civilização: Uma Interpretação Filosófica do Pensamento de Freud**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1955/1975. 6ª ed.

MARCUSE, H. A Obsolescência da psicanálise. In: MARCUSE, H. **Cultura e Sociedade**. Vol. 2. (pp. 91 – 111) Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1963/1998

MARCUSE, H. **A Ideologia da Sociedade Industrial: o homem unidimensional**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1964/1973. 4ª ed.

MATOS, Olgaria C. F. **A Escola de Frankfurt: luzes e sombras do iluminismo**. São Paulo: Moderna, 1993.

MARCUSE, H. **Tecnologia, guerra e fascismo**. São Paulo: EDUNESP, 1998.

PEDROSSIAN, D. R. S. O mecanismo da identificação: *uma análise a partir da teoria freudiana e da Teoria Crítica da Sociedade*. **Inter-Ação: Rev. Fac. Educ. UFG**, v. 33, n. 2, p. 417-442, jul./dez. 2008a. Disponível em:

<https://www.revistas.ufg.br/interacao/article/viewFile/5275/4692> . Acesso em: 04 jan. 2020.

Recebido em: 24-11-2023

Aceito em: 16-11-2023